

## A QUEM INTERESSAR POSSA

Nayara Nunes Salbego

### Resumo<sup>©</sup>

O presente estudo propõe uma análise focalizada na fragmentação formal e conteudística no conto *A quem interessar possa*, de Caio Fernando Abreu, publicado na obra **O inventário do ir-remediável** (1995). Para isso, são de extrema importância observações sobre a realidade social da época em que esse discurso se realizou, a fim de se chegar a um possível ponto desencadeador da falta de linearidade do referido texto. Nessa perspectiva, seguem-se pressupostos teóricos desenvolvidos por estudiosos da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Walter Benjamin.

**PALAVRAS-CHAVE** : **Literatura, Fragmentação, Crítica Social**

### Introdução

Ao considerar que textos literários podem ser pensados, além de forma e estrutura, como sendo conteúdos sociais, calcados na formação cultural de quem os escreve, este trabalho traz uma interpretação sobre a fragmentação em narrativas literárias. A partir de um conto de Caio Fernando Abreu intitulado *A quem interessar possa*, da obra **Inventário do ir-remediável**, interpreta-se a constituição dessa narrativa, levando-se em consideração seu contexto social. Para tanto, é importante uma análise sobre a realidade social da época em que esse discurso se realizou a fim de chegar a um possível ponto desencadeador da falta de linearidade do referido texto. Nessa contingência, seguem-se pressupostos teóricos desenvolvidos por autores que refletem acerca da confluência entre discurso literário e conteúdo social, bem como sobre a questão da fragmentação.

### DESENVOLVIMENTO

A falta de organicidade é um traço comum a certas obras literárias. Autores como Caio Fernando Abreu revelam uma aparente ausência de linearidade em alguns de seus textos. A propósito, essa especificidade de alguns literatos, como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, remete a uma questão teórica muito discutida por estudiosos da

Escola de Frankfurt, dentre eles Theodor Adorno e Walter Benjamin: o caráter fragmentário de narrativas literárias.

A narrativa de caráter fragmentário é fundada por uma complexidade tanto estrutural, como de sentido. No que tange ao aspecto conteudístico do texto, as disparidades são evidentes, ou seja, textos fragmentados comportam uma dificuldade de entendimento por parte do leitor devido a sua fragmentação de idéias. Essa forma de narrar desencadeia um movimento de ruptura com a escrita literária comum, pois subverte os modos tradicionais de apresentação de alguns textos literários.

Em textos que são fragmentados, o tempo e o espaço são apresentados no plano da descontinuidade, ou melhor, a narrativa se faz mediante reflexões subjetivas, através das quais o narrador apresenta uma sucessão de fatos internos. Adorno problematiza a posição do narrador, denominando-a um lugar de contradições. “Esta deve ser a posição do narrador. Ele se caracteriza, hoje, por um paradoxo: não se pode mais narrar, ao passo que a forma do romance exige a narração” (1975, p. 269). Para o crítico, a situação problemática da realidade é impossível de ser externada em modos convencionais. Ao narrar, o indivíduo parte para uma contradição, expressando sua subjetividade, fato que estimula o caráter fragmentário de sua narrativa, sendo que “as mudanças históricas da forma se metaforseiam em sensibilidades idiossincráticas dos autores” (1975, p. 271).

A fragmentação se apresenta na forma discursiva do narrador, pois este menciona idéias interrompidas, momentos suspensos, frases vazias de sentido. Para um melhor entendimento dessas características, observe-se um trecho do conto *A quem interessar possa*, de Caio Fernando Abreu:

[...], eu não tenho culpa não fui eu quem fez as coisas ficarem assim desse jeito que não entendo que não entenderia nunca você também não tem culpa vou chamá-lo de você porque ninguém nunca ficará sabendo nem era preciso (...) (1995, p. 21)



Nesse excerto o narrador está expressando sua subjetividade de um modo ilegível, pois ele não usa pontos de organização textual e mistura idéias como a existência de um possível culpado pelo estado caótico das “coisas” e o modo de seu direcionamento ao leitor. Esse fragmento faz parte de uma narrativa que não possui nenhum ponto final, nenhuma pontuação que permita um melhor entendimento do conto por parte do leitor, enfim, a narrativa traz apenas uma vírgula no início do texto. O narrador se mostra totalmente em conflito com a realidade que o cerca, expressando sua subjetividade num discurso complexo e denso. De modo geral, as narrativas de Caio apresentam essa descontinuidade de sentido, essa pluralidade de temas e essa disparidade formal, o que nos permite classificá-las como narrativas de caráter fragmentário, segundo os postulados de Benjamin e Adorno.

Tais críticos articularam uma reflexão sobre teoria da narrativa e formas literárias modernas relacionando questões de estética literária e ciências humanas. Suas proposições apontam para a possibilidade de se pensar em problemas de teoria da literatura e episódios da experiência humana. Os pensadores destacam que os problemas de ordem estética podem ser analisados à luz de considerações acerca do contexto de produção das obras e das experiências de violência e desumanização e, assim, seu impacto sobre a literatura.

Nos seus estudos, Adorno pressupõe a existência de uma tensão externa que motiva uma tensão interna na obra de arte. Para ele, a interiorização dos problemas sociais é o motivo dos transtornos na elaboração do fenômeno estético. O crítico relaciona opção formal e tema através da dialética forma e conteúdo. Da mesma forma, ele defende a tese de que as obras de arte possuem uma ligação com a realidade exterior, mas não são cópias dessa realidade. Adorno postula a existência de uma relação entre contexto social e estética literária, ou seja, uma resposta em termos de estrutura da experiência artística:

Os estratos fundamentais da experiência, que motivam a arte, aparentam-se com o mundo objectivo, perante o qual retrocedem. Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam as obras de arte como os problemas imanentes da sua forma. É isto, e não a trama dos momentos objectivos, que define a relação da arte à sociedade. As relações de tensão nas obras de arte cristalizam-se unicamente nestas e através da sua emancipação a respeito da fachada fáctica do exterior atingem a essência real. (1980, p. 16)

É nesse sentido que Adorno afirma a arte moderna, negando a visão de totalidade expressa em narrativas de caráter linear, pois caracteriza aquelas como “formas abertas”, em que a unidade pode ser comprovada em meio à fragmentação e a recusa aos procedimentos formais tradicionais:

A arte de elevada pretensão tende a ultrapassar a forma como totalidade, e desemboca no fragmentário. A indigência da forma deveria expressamente acabar de se fazer sentir na dificuldade da arte temporal; (...) Uma vez desembaraçada da convenção, nenhuma obra de arte pode concluir de modo convincente, enquanto que os desenlaces tradicionais apenas procedem como se os momentos singulares se associassem com o ponto final no tempo para constituir a totalidade da forma. (1980, p. 169)

Na concepção de Benjamin, a transgressão na forma tradicional de narrar torna-se a expressão do impacto da violência do contexto e, desta forma, a experiência do choque em termos de estética, é um caminho para se obter reflexão. O ensaio de Benjamin destaca o papel do escritor enquanto responsável por uma produção que mobilize o leitor. As proposições do pensador levam a crer que a literatura construída como um amontoado de fragmentos relaciona-se com uma percepção intensa e singular sobre os eventos históricos ou experiências sociais e constituem um recurso estratégico para dar uma dimensão adequada ao conteúdo abordado, estratégia que visa à tomada de consciência por parte do leitor. A transgressão da forma tradicional torna-se, nesse sentido, a expressão do impacto da violência do contexto. (BENJAMIN, 1994)

Seguindo tais suposições, apresenta-se a análise do conto em questão, que faz parte da obra **Inventário do ir-remediável**. Tal obra é constituída por narrativas curtas que, em geral, assinalam um movimento inquietante diante de um contexto em que a repressão é constante. Os personagens da narrativa da coletânea sempre vivenciam experiências de sofrimento, descrédito e opressão. O livro apresenta um sentimento de desencorajamento na possibilidade de transformação social, tendo em vista que não há final feliz em nenhuma das histórias. As situações vividas pelos personagens não asseguram nenhum trânsito livre de preconceitos, violência e repressão nem a possibilidade de realização plena. Pelo contrário, nas narrativas da obra essas manifestações são contínuas, minimizando-se a esperança de mudar valores e posturas.

Já no início do conto *A quem interessar possa*, trecho anteriormente citado, tem-se um aspecto incomum, pois o narrador começa a narrativa com o



uso de uma vírgula. Retomando-se as regras gramaticais do uso da vírgula para se pensar a questão, percebe-se que esse recurso discursivo não tem explicação gramatical nesse contexto lingüístico. Nessa contingência, é possível uma interpretação por parte dos leitores. Para isso, é necessário reparar na construção do texto, sendo que, em nenhum momento, foram usados marcadores textuais no decorrer da narrativa. Apenas dois pontos (:) no final e uma vírgula no início do conto. Estes dois recursos, em determinadas situações, dão uma idéia de continuidade; assim, pode-se entender que há algo não mencionado, tanto no começo como no fim da narrativa. Isso pode ser inferido como sendo uma forma de provocar o leitor a pensar que o narrador não disse tudo o que gostaria, ou seja, que o seu discurso encontra-se inserido em um discurso maior, em um contexto que não está explícito no texto.

Conforme Caio afirma na apresentação do livro **O inventário do ir-remediável** em que o conto está inserido, foi num contexto repressivo que esta narrativa foi escrita, entre 1966 e 1968. Durante esse período, o autoritarismo figurou intensamente no campo político brasileiro. Com isso, os cidadãos passam a ser vigiados, a ter liberdades limitadas, não podendo mostrar seu posicionamento e sua insatisfação diante da realidade de opressão e violência. Época também caracterizada pela intensa modernização que melhorou a vida da classe média alta com as tecnologias inovadoras. No entanto, esse "avanço" contribuiu com a marginalização social, pois quem não tinha poder aquisitivo ficava longe das novas invenções. Assim sendo, a nova ordem, não só no contexto brasileiro, mas em âmbito internacional, produziu o caos para a integridade humana e consolidou o autoritarismo, mantendo as relações de desigualdade.

Nessa situação social, temos o conto em questão, no qual se percebe a insatisfação do sujeito narrador diante do autoritarismo e dos novos desenvolvimentos que acentuam a marginalização social:

às vezes quando ainda valia a pena eu ficava horas pensando que podia voltar tudo a ser como era antes muito antes dos edifícios dos bancos da fuligem dos automóveis das fábricas das letras de câmbio e então quem sabe podia tudo ser de outra forma (...) (1995, p. 21)

No trecho acima, o narrador deixa transparecer uma vontade de que o mundo volte a ser como antigamente, até mesmo antes do desenvolvimento industrial, pois ele não se sente contente com o

desenvolvimento caótico das coisas, talvez porque essa seja a causa de suas angústias. Ainda nesse pensamento, pode-se atribuir à industrialização o estado conflituoso da civilização, conforme o narrador vem apresentando no seu texto.

Em determinados trechos do conto, verifica-se a relação entre indivíduo e realidade social:

essas coisas duras que vejo da janela na televisão no cinema na rua em mim mesmo e que eu ia como sempre sair caminhando sem saber aonde ir sem saber onde parar onde pôr as mãos os olhos e ia me dar aquela coisa escura no coração e eu ia chorar chorar durante muito tempo (...) (1995, p. 21)

Esta parte do texto denota as idéias apresentadas até agora em relação ao conto. O narrador afirma visualizar "coisas duras" que vê tanto em meios de comunicação como nele mesmo. Neste mesmo trecho, observa-se a falta de orientação do indivíduo. É importante deixar claro que tais interpretações são hipóteses que têm sustentação não só na apresentação do livro, escrita pelo autor, mas também nos pressupostos teóricos que dão base a esse estudo.

Na continuação do conto, o narrador tenta explicar a obscuridade com que ele vê "as coisas". Nada é nítido, e o mais difícil é que o leitor, ou a pessoa a quem o narrador está se dirigindo não o entendem, talvez pela obscuridade com que ele tenta se expressar. Nessa contingência, outro ponto pertinente às interpretações desenvolvidas nesse estudo é o momento em que o narrador menciona o seguinte pensamento: "talvez se eu não tivesse visto de repente o que vi não sei no momento em que a gente vê uma coisa ela se torna irreversível inconfundível" (1995, p. 22). Essa afirmação possibilita a idéia de que apenas aqueles que viram e vivenciaram algum fato é que se deixam entender melhor, ou seja, quem experimenta um acontecimento histórico-social é que se faz mais compreensível.

Há um momento no conto em que o narrador menciona explicitamente suas revoltas, indicando o pronome "eles" como responsáveis por aquilo. "Eles me rotularam me analisaram jogaram mil complexos em cima de mim problemas introyções fugas neuroses recalques traumas" (1995, p. 23 - 24). Assim, pode-se interpretar "eles" como sendo a sociedade civil, sendo que esta é permeada por preconceitos e valores que desprezam as diferenças. Da mesma forma, tal pronome pode ser lido como sendo a classe dominante, ou seja, os detentores do poder, que, para



se manterem como tais, agem de forma brusca, deixando os indivíduos numa situação caótica de subjetividade. A sociedade é norteada pelos valores dessa classe "superior", e é isso que possibilita a interpretação do pronome "ele" como sendo a sociedade civil. O narrador deixa claro sentir-se culpado por tal situação:

uma carne vil uma carne preparada por toda uma estrutura de guerras epidemias pestes ódios quedas eu me sentia culpado ao vê-las assim nosso podre sangue a humanidade inteira nelas que não riam e cantavam aquela sombria canção de morte brutalmente doce elas cantavam e minhas costas doíam como se eu sozinho as sustentasse (...) (1995, p. 24 - 25)

Conforme a interpretação feita do conto de Caio Fernando Abreu, é possível mencionar que textos literários podem ser pensados como formas organizadas da experiência humana que, em cada tempo, apresentam especificidades próprias. Assim, possibilita-se interpretar obras fragmentadas de acordo com as idéias formuladas por Adorno e Benjamin. Segundo estes, a narrativa é um sintoma de seu tempo, produto de um determinado regime de vida social. Suas configurações, formas e estilos são produzidos, enquanto, reproduzem especificidades de um momento histórico-social.

## CONCLUSÃO

A leitura da narrativa *A quem interessar possa*, de Caio Fernando Abreu, traz uma possibilidade de interpretação acerca de experiências sociais enfrentadas por indivíduos cuja subjetividade mostra-se abaladas. A fragmentação exposta no texto é importante de ser percebida no sentido de que a posição do narrador mostra-se inconstante, tornando o conto denso e complexo para a compreensão numa primeira leitura. Essa estrutura fragmentada deixa o leitor perplexo e vai ao encontro dos postulados de Benjamin que atribuem ao texto literário essa função de ruptura com a linearidade tradicional.

Assim, o conto de Caio vem a ser uma resposta a um contexto social repressivo, pois, através de um discurso fragmentado, o narrador se desnuda, possibilitando ao leitor a interpretação de seus traumas, de suas revoltas e conflitos de uma forma velada e de difícil compreensão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio F. *A quem interessar possa*. In: **Inventário do ir-remediável**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ADORNO, Theodor. A posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

\_\_\_\_\_. **Teoria estética**. Lisboa: Ed. 70, 1980.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

## NOTAS

<sup>1</sup>Trabalho realizado pela aluna Nayara Nunes Salbego, do curso de Letras – Inglês, da Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista de Iniciação Científica do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr. Rosani Ketzer Umbach.

Título do conto que foi analisado neste trabalho, publicado na obra **Inventário do ir-remediável**. Porto Alegre: Sulina, 1995.